

IV EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

Tema

**OS DIREITOS
HABITAM
NAS HISTÓRIAS**

PALMELA
2023

A

4ª edição do Concurso Literário, promovido pela Rede de Bibliotecas Públicas do Município de Palmela, aconteceu de março a abril de 2023, sob o título: «Os Direitos Habitam nas Histórias».

Este é também o título do projeto transversal que o Serviço Educativo do Museu e Bibliotecas está a desenvolver, em parceria com o Gabinete de Participação e Cidadania do Município, cujo propósito maior é o de ter presente os Direitos Humanos e Direitos das Crianças.

Várias são as atividades inseridas no projeto, como sejam as Horas do Conto (presenciais e online) exposições, oficinas, o Concurso Nacional de Leitura na sua fase municipal, formações para docentes.

Lê-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos — adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) a 10 de dezembro 1948: «Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo» e que «uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso», este concurso literário assumiu um papel preponderante no projeto. O exercício de escrita obriga ao pensamento e à criatividade. Oportunidade para que a reflexão seja direcionada para aquilo que faz de nós uma sociedade melhor.

Recebemos cerca de meia centena de textos. A todos/as os/as participantes o nosso especial agradecimento. São, também, as vossas palavras escritas em frases com propósito — encarando o despropósito, na literatura, como um ato consciente e propositado —, que nos deleitam e estimulam a continuar a promover a literatura, a cultura, a participação. Fê-lo-emos sempre, mas, convosco, o resultado tem outro sabor.

Aos vencedores endereçamos os parabéns e o incentivo para que continuem o exercício de escrever o que vos vai lá dentro. Nós continuaremos a ler e a publicar.

A Vereadora do Pelouro



Maria João Camolas

LISTA DE PREMIADOS DA 4ª EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

1º ESCALÃO (dos 6 aos 11 anos)

1º LUGAR	Os direitos das crianças	8
	<i>Mariana Monte</i>	
2º LUGAR	Os direitos habitam nas histórias	10
	<i>Mariana Brinca</i>	

2º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

1º LUGAR	(Sem título)	12
	<i>Pedro Gomes</i>	
2º LUGAR	O Direito à Felicidade	15
	<i>Clara São Pedro</i>	
3º LUGAR	Direito a ser criança	17
	<i>Margarida Caetano</i>	

3º ESCALÃO (maiores de 18 anos)

1º LUGAR	A Partida	20
	<i>Liliana Oliveira</i>	
2º LUGAR	Arco-Íris ao Peito	23
	<i>Miguel Rabino</i>	
3º LUGAR	História fadada de direitos	26
	<i>Nina Pianini</i>	



1º Escalão

(dos 6 aos 11 anos)

[1º Lugar]

OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

Mariana Monte

Era uma vez um extraterrestre chamado Pipo que vivia num planeta onde todas as crianças trabalhavam. Construíam casas, não podiam ir à escola e nem podiam brincar. Elas andavam sempre tristes. Os adultos extraterrestres desrespeitavam as crianças. Eles não sabiam que as crianças tinham direitos. Elas mereciam liberdade para ir à escola e brincar. E um dia, o extraterrestre fez uma viagem muito longa pelo Espaço, com os pais, para descobrir novos mundos e encontrou o planeta Terra. Ele pousou em Palmela, mesmo ao pé de um parque, e viu muitas crianças a brincar. Quando as viu, lembrou-se do seu planeta, onde as crianças trabalhavam e viu que na Terra elas podiam brincar livremente. O extraterrestre ficou triste, mas depois ele teve uma ideia incrível! Foi para a nave com os pais e voou para o seu planeta e contou a todos os extraterrestres que as crianças da Terra eram felizes e não trabalhavam. Também disse que, como os adultos eram mais velhos, deviam trabalhar e deixar as crianças aprender mais, para quando forem adultas saberem fazer muitas coisas. Mas o pai do extraterrestre Pipo disse assim: – Na Terra é assim, mas aqui não! – Mas as crianças merecem liberdade! Elas andam sempre tão tristes. – Disse o extraterrestre Pipo. Para resolver aquela confusão, o presidente daquele planeta fez votos para decidir se as crianças trabalhavam ou não. Passados alguns dias, toda a gente votou e concordou que todas as crianças mereciam ir à escola e podiam brincar. Elas passaram a ir à escola e andavam sempre com um sorriso na cara. Todas as crianças passaram a ser felizes. Nesse dia, as crianças passaram a ter Direitos, e é nesse dia que os extraterrestres comemoram o Dia da Criança, dia 1 de junho. Nesse dia todos os extraterrestres fazem uma festa enorme e fantástica. Até fizeram uma estátua com crianças, cada uma delas diferente, porque a diversidade também é muito importante. Naquela festa há fogo de artifício, uma mesa com comida, troca de presentes, há insufláveis e muitas outras diversões para crianças. Era o único dia em que as crianças celebravam algo pela primeira vez na vida. Os adultos extraterrestres finalmente perceberam que já foram crianças, e que

gostavam que os tratassem bem, por isso deveriam tratá-las como gostariam que os tratassem. Finalmente estava tudo a correr bem com as crianças no planeta extraterrestre.

[2º Lugar]

OS DIREITOS HABITAM NAS HISTÓRIAS*Mariana Brinca*

Era uma vez uma menina chamada Júlia que tinha onze anos, tinha uma doença nos olhos e se não fosse tratada podia ficar cega. Ela vivia no Afeganistão numa cidade chamada Kabul. No país onde ela vivia não respeitavam os direitos das crianças, todos os dias ela não tinha direito à educação nem à saúde, nem direito a uma vida com liberdade. Então ela decidiu fazer uma manifestação para lutar pelos seus direitos e pelos das outras crianças e percorreu todas as ruas da sua cidade. À medida que foi percorrendo as ruas, mais crianças a vieram apoiar. Havia tantas crianças na rua que só se viam cartazes cheios de cores, os adultos ao verem tantas crianças resolveram juntar-se à luta das crianças. Quando chegaram os policiais, eles começaram a disparar balas de borracha, mas não resultou porque eram muitas pessoas a gritar. Assim os policiais decidiram que já estavam fartos de lutar contra tantas pessoas e que também não tinham direitos, então decidiram juntar-se à manifestação.

Ao longo do tempo, foram fazendo tantas manifestações que as instituições não conseguiram aguentar, porque havia poucas pessoas para trabalhar, então o governo decidiu dar os direitos a todas as crianças e a todos os adultos. Assim a Júlia conseguiu tratar a sua doença e voltou a ir à escola. A Júlia conseguiu obter os seus direitos e mostrou que só se lutarmos conseguimos ter os nossos direitos.



2º Escalão

(dos 12 aos 17 anos)

[1º Lugar]

(SEM TÍTULO)*Pedro Gomes*

Uma face pálida, branca como neve, sem feições muito definidas, cobertas por cortes fundos como tocas de coelhos, uns lábios românticos recentemente tornados instintivos e violentos. Um rosto sem olfato, sem capacidade de degustar as alegrias da vida, vida esta omissa da mancha negra que é a incapacidade de descer desse pedestal glorioso imaginário cuja presunção os leva a ignorar mortais iguais a eles. Um dos olhos abre-se a medo, ofuscado pelas luzes cruelmente cintilantes que abalam meio mundo fisicamente, outro meio por outros meios. Com as pestanas queimadas pelo fumo ftártico, e as pálpebras roxas da cor das trevas da luxúria que parece absurda de tão pouco que tem. Todo este corpo está envolto em neve, mais branca do que o próprio branco, mas com nódoas de sangue espalhadas por toda a parte, pouco uniforme, mas igual em aspecto. Sangue. O corpo houve um estalar de metal que lhe faz ranger os vasos sanguíneos e estremecer o coração, que até chega a pensar que parou de bater, de existir. Por momentos deixou, deixou de bater para involuntariamente substituir esse terno bater dum coração amado e amável pelo som gritante dos metais bélicos, pelo eco do ego de quem se afunda em riqueza e na inconsciência dum berço d'ouro que gera a inconsciência de sentir qualquer coisa inefável, senão nada. Levanta-se inerte, que pode ele fazer? Tem que lutar por si quando o mundo se recusa a cuidar dele, quando o atira para um campo e lhe diz para matar. Na sua mente só viaja a paz, que muda de trajeto e torna-se calculismo, ímpeto mortífero. Nada do que poderia pensar corresponde ao que pode fazer, o amor passa a ser um pensamento intrusivo, como era a vontade de morrer, há anos. Passaram anos e agora saber retaliar sem dó nem piedade é o que os leva a ascender. Já se foi tanta gente, engolida pelos fecundos e gélidos campos que usam carne humana e mentes geniais como estrume. Mentes perdidas por entre o nevoeiro invisível da má fé. Perdidas nos devaneios dos homens ricos do Oriente e do Ocidente. O bom sentido de longinquidade! Quão aliviante é estar perto da cidade! Onde a vida passa sem pensar nela mesma, sem pensar na idade da dor

e na falta de prevalência da verdade. Caminha pela selva urbana montanhosa, cheia de predadores e fracas presas nos escombros de abates. Nos escombros tudo é negro, só a neve cria uma dicotomia difícil de entender. O vento sopra, tenta apagar as chamas da memória que talvez jamais esquecerá, mesmo depois de desaparecermos todos. O solo não olvidará a inveja injustificada do massacre daqueles que têm um círculo a delimitá-los! Aqueles que nunca foram auxiliados porque em certos lugares há a alta tecnologia. Uma criança perdida chora encostada a uma parede prestes a sucumbir, a parede da sua alma. A criança, para os repórteres, ainda graceja e sorri, apesar de nada para ela existir. O mundo atravessa a gravidade do universo a alta velocidade, em queda livre, porque nada pode ser compreendido, porque nos destinaram assim, à ruína. Destinados a nós mesmos e à nossa falta de compreensão do que é a compreensão. Presos nalgum lugar que nem sabemos definir. E ainda assim, matamos, e fazemos matar. Esses homens que pensam que são divinos como éter, não passam de ratoeiras que apanham ratos desorientados com queijo fora da validade, covardes imaculados, não passam de poeira estelar e de algo tão finito quanto aqueles que matam. Só a memória que temos desses monstros irá restar. Eles criaram o inferno a céu aberto, sem pensar no que lhes acontecerá depois de se irem. Não valia a pena pensar em algo que jamais saberiam, então matam, ordenam terrores medievais, recostados em seus tronos banhados a ouro. A criança chora alto como uma sirene a invocar a atenção do mundo. E o mundo, de facto, dá-lhe atenção. Mas será que lhe dá aquilo de que realmente necessita? Como esta criança há muitas outras, perdidas no mundo e misturadas indiscriminadamente, porque quando se perde o mundo, nada mais importa. Apesar desses monstros regredirem mentes simples que se sujeitam por não terem alternativa, vê-se amor. Amor no local onde menos o esperamos. As crianças amam-se porque se compreendem, e nada mais importa. A imprensa grava e relata histórias fantásticas enquanto tudo se passa. E o corpo acaba de se levantar e começa mais uma pequena jornada pelas entranhas do pensamento das almas de todos os soldados, entranhadas na neve como farinha num bolo. Corre com a energia de uma escassa esperança que não se conhece, mas que quer ser alguma coisa. Ouve um choro e tem a humilde missão de o erradicar. Como esta história muitas outras há, e passam despercebidas, de tão desimportantes que são. É como se cada um de nós fosse nada, gritado do fundo mais fundo da alma, menos do que tudo, menos do que nada e indefinivelmente nada, tão nada que nada o

pode explicar, e nem tudo seria capaz de o explicar. O corpo continua a correr, desbravando os túneis a céu aberto, com uma luz negra de morte e carvão de mina. O cenário é desolador como a perda de um filho recém-nascido e quem consegue senti-lo chora não com os olhos, mas com o coração, com todo o sangue e todos os órgãos, com todos os milhões de células e com cada átomo. A chuva já não quer chover neste sítio, a terra já se odeia a si mesma e as estrelas do céu morreram quando viram tanta destruição. Quando viram este planeta sem chão, sem direção e indignadamente fora de mão, pediram ao universo que a existência fosse um sonho de si mesma. Correndo, cada vez se encontra mais próximo e nem quer acreditar que vai ser capaz de salvar uma vida. As suas pernas fraquejam e pedem por piedade, já mal se aguentam de pé. A sua respiração é cada vez mais arfante, e um choro desesperante assola-lhe a face queimada pelas temperaturas extremas. Corre pelo direito à vida, pelo direito à liberdade e pelo direito à segurança, e por uma lista infindável de muitos outros direitos... será ele capaz?

O tempo passou. O tempo passa. Não se sabe se o corpo pereceu. Se enlouqueceu. Se continua a correr pelo que lhe seria devido por direito. Se encontrou o que procurava e pelo que corria. Penso que a meta está longe. O tempo passa. O corpo fraqueja. O corpo não encontra auxílio em outros corpos que correm. Uns contra, outros com ele. Ele sonhou para encontrar os seus direitos nas histórias. Não havia direito a não haver direitos numa história. Mas em muitas histórias que ouvimos, lemos e vivemos não habitam direitos. E assim corremos tortos. E corre o Homem. Sem saber por vezes pelo que corre, mas querendo todos o mesmo.

[2º Lugar]

O DIREITO À FELICIDADE

Clara São Pedro

Certo dia, andava eu a deambular pelos arredores da cidade, quando repentinamente surge um indivíduo particularmente interessante. Vestia roupas largas e coçadas e sorria com ar de quem acabou de ganhar o dia. Olhou-me de alto a baixo, tal como lhe tinha feito na minha análise. Deve ter percebido a questão que pairava ante os meus olhos, pois disse-me, – Já viste aquela janela? – e apontou. Quase imediatamente viro o pescoço na direção que o dedo do homem indicava.

Ali estava uma pequena casa, tão pequena que nem sei se se poderia considerar ser realmente uma casa. O interessante da construção não era o seu tom gasto e alaranjado, nem tão pouco as paredes cobertas de eras. O que me prendeu a atenção foi mesmo a janela de armações velhas e parapeito lascado. Há quanto tempo estaria aberta?

Dei um passo para me aproximar, a curiosidade consumindo quase todo o meu bom senso, mas lembrei-me do sujeito que me tinha falado. No local onde o tinha visto já só existiam partículas de pó levantadas pelo seu movimento ao ir-se embora, presumo eu. Olhei em volta, sem encontrar mais sinais do indivíduo, pelo que dei outro passo em direção à janela. O que estaria do lado de dentro? Continuei a aproximar-me e só parei quando consegui distinguir formas entre a escuridão que ensombrava o interior da casa.

Um sorriso chegou-me imediatamente aos lábios e aos olhos. Céus, há quanto tempo isso não acontecia? Pois, é que entre as sombras encontravam-se as partituras de uma sinfonia de Mozart. Há anos que a música me tinha abalado completamente. Desde então que não era capaz nem de ouvir o canto alegre de uma ave. Mas Mozart, o meu querido e aclamado Mozart e as suas peças que me acompanharam toda a vida. Não resisti. Enquanto as lágrimas me corriam pelo rosto comecei a trepar para cima do velho parapeito. Tinha de conseguir aquelas partituras. Elas eram a minha salvação.

Entrei na casa, era realmente muito pequena, mas pouca atenção dei a isso, enquanto pegava nas partituras. Com a mesma facilidade com que entrei,

também saí, agora com o coração cheio e os olhos sorridentes. Tinha finalmente recuperado aquilo que há já tempos idos tinha perdido, podia até dizer que tinha ganho o dia.

Depois, fiquei paralisada. O indivíduo que me indicou a casa tinha o mesmo ar que eu emanava agora. Mas com certeza isso não se deveria à sinfonia de Mozart. Não, essa tinha-a eu comigo. Olhei à minha volta. As poucas pessoas que por aí andavam pareciam todas alegres, cada uma trazendo consigo um objeto diferente. Livros, postais de aspeto antigo, fotografias. Foi aí que percebi. Seria aquela casa uma espécie de fonte de desejos? Oferecia-nos aquilo de que mais necessitávamos? Não, isso era impossível.

Segui o caminho até casa, desejosa de me envolver novamente no mundo da música. Assim que ia para pegar nas partituras que tinha levado daquela casa enigmática, apercebi-me de que já não as tinha comigo. Não pode ser. Tinham desaparecido! Como é que no mesmo dia me tinha sido dada e retirada a melhor parte de mim?

Não. A melhor parte de mim continuava comigo e neste dia ela foi-me dada de volta. Mesmo já não tendo as partituras comigo, aquilo de que realmente precisava permanecia dentro de mim, tinha voltado a viver no meu interior. Mais uma vez, os meus olhos inundaram-se de lágrimas. Sentei-me em frente ao piano e os meus próprios dedos desenrolaram a música que me tinha voltado a fluir na alma.

[3º Lugar]

DIREITO A SER CRIANÇA

Margarida Caetano

Era uma vez, num reino distante, em que cada vez que uma criança nascia, ela era abençoada pela sua fada madrinha. Cada família tem uma, algumas famílias mais do que uma. Essas fadas juram proteger a sua família a todo custo e quando o novo membro nasce, ele é abençoado com os direitos das crianças. Todo o reino acordou naquela manhã com o nascer do sol para a grande cerimónia.

A filha do rei e da rainha tinha nascido no dia anterior, e todo o reino foi convidado para ver a bênção da princesa.

Ao entrarem no castelo, puderam ver o rei, a rainha e a bebé. A bebé foi colocada num pequeno berço com lindos lençóis macios e cobertores cor-de-rosa. – Obrigado por terem vindo hoje. – cumprimentou o rei – Hoje, a nossa filha Diana será abençoada e é um prazer ter todos vocês aqui reunidos. Por favor, dêem as boas-vindas à Lili, a nossa fada madrinha.

Uma senhora de baixa estatura, de aparência calma e doce entrou na sala, com longos cabelos loiros, bochechas rosadas e vestida com um lindo vestido lilás.

Ela parou em frente da bebé e tirou a sua varinha de condão do bolso. Todos os olhos estavam fixos nelas.

– Pequena Diana, eu, a tua fada madrinha, abençoo-te hoje com os direitos da criança. A partir deste dia terás direito à não discriminação. O direito de viver e de te desenvolver. O direito à proteção. O direito a uma família feliz e saudável. O direito à liberdade de expressão. O direito à saúde e aos serviços médicos. O direito à educação. O direito a ser criança.

Um feixe de luz dourada sai da varinha da fada madrinha e atravessa o peito da pequena princesa. Em toda a sala ouve-se uma adorável gargalhada e todos os convidados sorriem.

– Viva a princesa!

Doze anos se passaram e a princesa já estava crescida. Ela teve uma infância

muito feliz e saudável e morava com os pais no castelo, não podia pedir mais nada, a sua vida estava perfeita.

Diana fez um amigo na escola, o Daniel. O irmãozinho do Daniel tinha nascido naquela manhã e Diana estava muito preocupada. Daniel disse-lhe que um grupo de homens tinha matado a fada madrinha da sua família porque a cor da pele deles era diferente da das outras famílias do reino. Ela estava preocupada que o bebé pudesse ter uma vida complicada e triste porque certas pessoas não conseguiam aceitar as diferenças dos outros.

– Mãe! Pai!

– Sim, querida?

– Eu preciso da vossa ajuda.

Então Diana contou aos seus pais sobre Daniel e o seu irmãozinho e como eles não tinham uma fada madrinha. Os pais de Diana e Lili concordaram em ajudar. Deixaram o castelo e rapidamente se dirigiram para a casa de Daniel, dispostos a ajudar. Eles bateram à porta da pequena mas adorável casa e ouviram um bebé chorar através da porta.

O pai de Daniel abriu a porta, parecia cansado mas feliz pelo nascimento do seu filho.

– Rei, Rainha! Por favor entrem.

Entraram na casa e rapidamente Diana foi procurar Daniel ao seu quarto.

– A que devemos este prazer? – pergunta o homem confuso pela visita súbita da família real na sua casa.

– A nossa filha Diana contou-nos o que aconteceu com a vossa fada madrinha e queríamos ajudar.

Os pais de Daniel ouviam atentamente cada palavra que lhes era dirigida e um pequeno brilho podia ser visto no olhar da mãe de Daniel.

– A nossa família concordou em deixar a nossa fada madrinha, Lili, abençoar a sua.

Ao ouvir aquela maravilhosa notícia, a mãe de Daniel começou a chorar e o marido abraçou-a com força. O seu filho poderá, afinal de contas, ter uma vida tranquila e feliz.

Não é porque alguém tem uma aparência diferente ou vive em diferentes condições que não merece ter direitos. Todas as crianças o merecem. E às vezes elas não conseguem obtê-los sozinhas e podem precisar de ajuda. E algures neste mundo ainda existem pessoas boas e dedicadas a ajudar aqueles que não conseguem ajudar-se a si mesmos.



3º Escalão

(maiores de 18 anos)

[1º Lugar]

A PARTIDA*Liliana Oliveira*

Noite cerrada, silêncio sepulcral, apenas o barulho das ondas do mar que, em vez de me acalmar, faz o meu coração bater descompassadamente como o motor de uma traineira em fim de vida. O frio é intenso, as minhas pernas parecem umas frágeis estalagmites, prestes a quebrar à mínima brisa. Nos meus braços, aconchegado na manta azul puída, dormes serenamente, meu filho. Não estamos sós. Ao nosso lado mais de uma dezena de pessoas sentadas no areal, perdidas nos seus pensamentos, achadas nesta praia de Badavut. Mulheres, homens e crianças de nacionalidade diferente, mas com a mesma necessidade de ser gente. Partilhamos as mesmas memórias, os mesmos medos, as mesmas esperanças, sem precisarmos de pronunciar uma única palavra. Quero chorar, mas não posso. Não posso enfraquecer este elo invisível que nos une e também não quero que acordes, que te apercebas que a realidade é tão distinta dos teus sonhos pueris.

Dormes com um sorriso no rosto e isso dá-me forças para continuar, no entanto, pensamentos contraditórios invadem-me incessantemente. Ficar ou partir? Partir ou ficar? Ficar implica roubar-te os sonhos que ainda não tens, impedir-te de respirares e aspirares, é viver uma vida agrilhoadada. Partir, por sua vez, tem um custo imensurável, arriscamo-nos a não chegar ao destino, ao mundo novo que não será tão admirável como muitos dos que aqui estão pressupõem. Não tenho ilusões. Lamentavelmente, a vida encarregou-se de me ensinar que Equidade é um belo nome feminino gravado numa lápide, com o epitáfio “A tua partida deixou um vazio grande no meu coração”. Porém, meu filho, deixarás de acordar com o som aterrador dos mísseis devoradores de homens e de temer levar com um balázio na nuca sem saber sequer o porquê, como a tua querida mãe.

Oh... Que saudades tenho dela, que falta ela me faz, que falta ela nos faz...

O barulho das ondas é interrompido por vozes ásperas de homens que sussurram numa língua desconhecida. O que estão a dizer? Será que a viagem está próxima? O medo adensa. No ar sente-se o cheiro acre da adrenalina e

do cortisol misturado com o odor salgado do sargaço. Para os europeus fazer uma viagem é uma aventura prazerosa, uma experiência instagramável. Para nós, os do terceiro mundo, a ideia de atravessar o Mediterrâneo é terrífica, espoleta emoções semelhantes às que os navegadores portugueses, naturalmente, sentiram quando tiveram de dobrar o Cabo das Tormentas. Oro persistentemente a Alá para que Mitilene também seja renomeado para estreito da Boa Esperança.

O homem de casaco preto com carapuço, que nos prometeu levar até à Grécia e a quem demos todo o nosso dinheiro, aproxima-se e rosna em árabe pouco fluente: – Está na hora. Mexam-se!

Com dificuldade levanto-me, evitando movimentos bruscos que te possam despertar.

Observo três homens a arrastarem pela areia um barco de borracha até ao mar. Parece demasiado pequeno para o número de viajantes. O homem do carapuço manda-nos entrar para o barco e explica a dois congoleses como colocar o motor a funcionar.

A água fria encharca as minhas roupas, sinto-me a afogar em medo, mas não podemos voltar para trás, onde só nos resta desolação e morte. A jovem somali ajuda-nos a embarcar e deixa escapar um sorriso nervoso. O espaço dentro do barco torna-se cada vez mais exíguo, uma amálgama de braços e pernas que se sobrepõem. Não há coletes salva-vidas, o dinheiro que tínhamos não era suficiente para comportar esse luxo.

O barco ainda não tinha partido e os nossos carrascos já se tinham esfumado. Assim que conseguimos embarcar toda a gente, iniciamos a viagem. Apesar da proximidade forçada, evitamos falar, evitamos cruzar olhares. Uns olham para o céu, outros para a vastidão do mar, porém só se vê a escuridão, é uma cegueira generalizada.

À medida que o barco avança, sente-se maior ondulação e tu gemes e balbucias algo na tua pré-linguagem indecifrável, mas continuas a dormir. Espero que estejas a ter um sonho feliz ou então uma bela memória, como a daquele dia em que ao colo da tua mãe andaste num cavalinho do carrocel e sorriste, sorriste muito. Amo-te tanto Youssef.

A ondulação aumenta ainda mais. Há quem comece a chorar, há quem comece a gritar. Eu rezo fervorosamente. Uma onda enorme aproxima-se. Aperto-te contra o meu peito. Abres os olhos e fitas-me. Tens os olhos da tua mãe. O telemóvel toca acordando-me abruptamente.

- Estou. - Atendo, com a voz ensonada.
- Pietra, estou à tua espera na praia Vigla.

Denis desliga a chamada sem dizer mais nada. Vejo as horas, passam oito minutos das seis da manhã. Levanto-me e visto-me rapidamente. Bato a porta de casa, mas com a pressa esqueço-me da chave do carro, obrigando-me a voltar atrás. Dígito “Praia Vigla” no GPS. O trajeto demora cerca de vinte e sete minutos. Enquanto conduzo, ligo a Denis para me facultar mais informações, mas não atende. Sinto a curiosidade a espoletar. Qual será a notícia? Mulher encontrada assassinada no areal de Vigla? Baleia dá à costa numa praia de Lesbos? Ou então, a mais comum por estas bandas: corpos de migrantes afogados apareceram em praia grega? A última hipótese dá-me calafrios e sinto um ligeiro desconforto abdominal. Os telejornais são assombrados regularmente com esta realidade crua e cruel. Comecei a estagiar há cerca de duas semanas no canal de televisão regional e ainda não fiz cobertura de nenhuma notícia relacionada com os naufrágios de refugiados, bem, na verdade ainda não fiz a cobertura de nenhuma notícia em direto. Respiro fundo e tento preparar-me mentalmente para qualquer cenário que possa encontrar.

Ao aproximar-me da praia constato uma movimentação inusitada para aquela hora da matina. Estaciono junto a um Jeep verde-escuro, olho lá para dentro, mas não encontro Denis. Saio do carro e desloco-me em direção ao areal, de onde chegam vozes abafadas pelo rumor das ondas do mar. Assim que o meu campo visual incorpora a extensão de areia fico petrificada. Um, dois, três, onze, catorze, dezasseis... Corpos deitados na praia. Não estão em trajes de banho, não estão sobre toalhas coloridas às riscas e tão pouco estão a amorenar. São corpos sem vida, jazem vestidos e húmidos numa sepultura arenosa. São mulheres, homens e crianças... E crianças. Lágrimas ácidas, mais do que salgadas, brotam dos meus olhos. Denis acena-me ao longe. Caminho na sua direção em esforço, as minhas pernas pesam, pesam muito e custa-me a respirar. Denis fala comigo, mas não ouço, só consigo escutar o murmúrio do mar e o choro inconsolável daquelas almas perdidas para sempre. Aquelas almas que guiadas pelo farol da esperança saíram das suas terras e acabaram por ter um antecipado e triste fim.

Vejo uma peça de roupa na areia, junto aos meus pés, baixo-me, seguro-a firmemente e dou por mim a rezar. É uma manta azul puída.

[2º Lugar]

ARCO-ÍRIS AO PEITO*Miguel Rabino*

O Paulo usava o cabelo grande. Não era moda, não se pode dizer que imitasse alguém, nos anos 80, naquela região, nem era assim tão comum. Simplesmente, gostava de o ter assim: cabelo louro e liso pelos ombros. Também a pele era clara, como se o sol do Alentejo tivesse decidido poupá-lo ao castigo que destinava a todos os outros. Paulo tinha um ar angelical. Como é sabido, os anjos não têm sexo, por isso, quem não o conhecia passava alguns minutos numa perplexidade que aprendemos a identificar e nos divertia. Viam uma figura andrógina, bonito demais para ser moço e com feições ligeiramente grosseiras para ser rapariga. Indecisos entre chamar-lhe gaiato ou gaiata, acabavam muitas vezes por não dizer nada e iam-se embora com os dois pronomes entalados na garganta.

Algumas das senhoras idosas, mais espertas do que as outras, tentavam sair airoso deste impasse e perguntavam: “Como te chamas?” Mas a entoação que ele dava ao seu nome, fechando a última vogal, deixava-as na dúvida. Teria dito “Paulo” ou “Paula”? Não conseguiam perceber. Acho que não fazia de propósito, mas nós divertíamos-nos a ver a confusão que ele provocava. Alguns ainda ficavam a remoer rancores vindos de preconceitos contra cabelos grandes, como se o Paulo fosse uma repetição das frustrações que tinham vivido com os seus próprios filhos que, agora com idade para serem pais do Paulo, tinham sido hippies, com longas guedelhas, sapatos de plataforma, horríveis camisas de hiperbólicos colarinhos e calças com boca-de-sino.

No recreio da escola, Paulo gostava de jogar à bola. Não era o primeiro a ser escolhido quando se faziam equipas, mas também não era o último. Algum talento tinha para a coisa. Metade das vezes, porém, preferia brincar com as raparigas às telenovelas, recriando as cenas do capítulo do Roque Santeiro visto no serão anterior.

Uma observação à indumentária também de pouco servia para que se conseguisse alcançar qualquer certeza. Paulo, como todos nós, usava a obrigatória bata branca imposta aos alunos e alunas pelo professor Albino. Para além da

bata, fazia parte do uniforme uma particularidade que servia para premiar os alunos pelo seu desempenho e motivar para a aquisição permanente do saber. Todos traziam ao peito um alfinete de dama com várias fitas que contrastavam com a alvura da bata. Invejávamos o Paulo porque trazia penduradas todas as fitas, numa infinidade de cores. Uma fita branca para a limpeza, obtida após análise cuidadosa das unhas e atrás das orelhas, local onde o sarro era mais resistente a uma boa esfrega. Uma fita vermelha para a destreza demonstrada no interrogatório da tabuada. Uma fita amarela para a história, sempre que um aluno sabia de memória os nomes e cognomes de todos os reis da primeira dinastia. Uma fita verde para a ortografia, entregue a quem conseguia três ditados seguidos com zero erros. Mais cores, muitas, para outras tantas tarefas, deveres e saberes: pontualidade, resolução de problemas de matemática, caligrafia, criatividade na escrita de composições, presenças na catequese, enfim, fiquemo-nos por um et cetera. Um autêntico arco-íris pendurado ao peito que o Paulo e a maior parte de nós mostrávamos com orgulho, quando havia muitas, ou com vergonha se acaso minguavam.

Um dia, o professor Albino chamou o Paulo ao estrado e disse que lhe iria retirar a fita branca da limpeza. Burburinho na sala! Estranhámos a situação e disso demos conta ao colega de carteira que tinha a mesma intenção. Então o Paulo que era o paradigma da limpeza, sempre com as unhas curtinhas, sem remelas nos olhos e que, quando estava constipado, limpava o nariz com mil cuidados e sem nenhum ruído! A sua mesa, magicamente, parecia-nos, nunca tinha vestígios de borracha, os seus lápis nunca deixavam aparas. Tudo tão limpo e ordeiro que parecia que nunca era usado. Uma antítese total das nossas carteiras, sempre escritas, sujas de tinta de todos os vestígios em que os gaiatos da escola primária são abundantes.

Paulo, humildemente, sem ponta de revolta ou sequer mau humor, perguntou a razão dessa súbita e inesperada subtração da fita. O professor, silenciosamente, apontou-lhe para a cabeça. Continuámos sem perceber. O Paulo, apenas ele, parecia ter adivinhado. Passou as mãos pelo cabelo. O professor começou a dizer que o cabelo grande era “uma falta de higiene”, que originava piolhos, que era sinal de desleixo. Perguntei, candidamente, sem vestígio de ironia, se as raparigas deviam também cortar o cabelo. O professor, confundindo a minha inocente perplexidade com desafio, ordenou de imediato que me fosse sentar à janela com orelhas de burro. Concluiu o professor que “os homens devem usar o cabelo curto”. Paulo, exposto a todos, baixou a

cabeça e começou a chorar silenciosamente. Isso pareceu irritar o professor que, ato contínuo, lhe retirou a fita púrpura do bom comportamento dizendo, com um arrependimento visível a meio da frase: “Um homem não chora”, cujo único efeito foi multiplicar as lágrimas.

Na semana seguinte, o Paulo foi ao barbeiro, a isso os pais o obrigaram depois de uma conversa com o professor. Não sei se chorou, como na sala, quando as madeixas louras foram caindo à mercê do pente número dois do mestre Ciladas e ficou, por fim, frente ao seu reflexo no espelho, com o escalpe a descoberto.

Quando voltou à escola, estava irreconhecível. Os grandes olhos claros pareciam desabitados. O professor fazia-lhe perguntas e ele encolhia os ombros, indiferente aos castigos, às reguadas e aos puxões de orelhas. Nem reagia enquanto, uma a uma, as cores do arco-íris que trazia num alfinete ao peito eram retiradas como as pétalas de um malmequer. Nunca ninguém mais olhou para o Paulo na dúvida sobre se seria rapaz ou rapariga. Para nós, garotos, nada mudou. Estava ali o nosso amigo. Mais triste, mas era ele. Para o Paulo, tudo mudou. Como mudou para Sansão que, conforme contava o Padre Herculano, perdera as forças à medida que perdera o cabelo. No professor e nos outros adultos parecia ter-se instalado um conforto que antes não experimentavam ao encarar o Paulo. Era um rapaz que ali estava. Não podia ser outra coisa.

[3º Lugar]

HISTÓRIA FADADA DE DIREITOS*Nina Pianini*

Tudo aconteceu, quando uma bola irrompeu abruptamente por aquela serena biblioteca, estilhaçando a frondosa vidraça:

– Tlimmmm...

Inesperadamente, milhares de pequenos fragmentos cortantes fenderam o ar, espalhando se pelo chão lustrado de madeira, provocando a indignação dos livros nas estantes.

E a pequena bola rolou pelo chão até bater numa das estantes que enchiam a sala.

– Vens ler um livro? – Perguntaram-lhe trocistas, largando uma gargalhada geral.

A bola coçou a cabeça, nunca tinha ouvido tamanho disparate. Era uma bola! E redonda como era, rolou para sair dali para fora o mais depressa que podia antes que a apanhassem. Mas não deu tempo, quando chegava à porta, uns pés largos e grossos fizeram-na travar.

– De quem és?...

– Não tenho país.

– Coitada, esta bola anda perdida como o João e a Maria, que tinham direito a ter família, mas se perderam na floresta. – Disse a bibliotecária admirada.

E passou-lhe a vassoura e a pá para ela apanhar os vidrinhos espalhados pelo chão.

A bola resmungou logo:

– Ainda agora entrei, decidem logo dar-me trabalhos forçados como à Gata Borralheira, escrava da madrastra e das irmãs!

– Tens razão, não respeitavam o artº 4 da Declaração Universal dos Direitos Humanos!... Mas tu aqui, provocaste danos, tens de ser responsável em consertar. E isso é colaborar e contribuir. – Esclareceu a bibliotecária.

– Porque me acusam de ser culpada de algo que não fiz sem que tenha o direito a um julgamento e a me defender em tribunal expondo a minha causa?

– Quis saber a bola.

– Ora se foste tu que partiste o vidro da janela, és tu a culpada. – Insistiu o livro “Código Civil” saltando da prateleira e enchendo o peito para abrir as mil e uma páginas de leis! – Mas foi um pontapé que me deram que me fez aqui cair. Não tive culpa!

– Diz o artº 11 que se é “inocente até que a culpabilidade tenha sido provada.” Não podemos acusar sem provas. Ela tem o direito a defender-se. Mas todos vimos!...

A bola recorreu então a outro argumento:

– Mas não foi por minha vontade que criei esta confusão. Sinto-me injustiçada!

– Tem toda a razão, eu é que fui o culpado! – Afirmou um rapaz entrando na biblioteca.

– Em vez de estares na escola, andas a fazer asneiras como o nosso Pinóquio que em vez de frequentar a escola, o mentiroso só pensava no divertimento!

– Acusou o Código Civil.

– Se fores como ele, não vais por bom caminho! Tens direito à educação diz o artº 26. Agora tens a oportunidade de ler estes livros espalhados pelo chão enquanto os limpas. Usa estas luvas para não te magoares. – Aconselhou a bibliotecária, indo atender um leitor.

– Todos estes livros?!... tarefa inútil, mais valia deitá-los ao lixo! Já nem sequer ninguém os lê! Com a Internet, não servem para nada. – Resmungou o rapaz aborrecido.

– Temos o direito de estar aqui na Biblioteca! – Indignaram-se os livros infantis no chão.

– Cá eu, sou a primeira coletânea de contos infantis de Charles Perrault, o “Pai da literatura infantil”, que criou o género literário que viria a ser conhecido como “contos de fadas”.

Só ele percebeu que a criança, por ser uma pessoa em desenvolvimento, é consumidora passiva de contos que a podem educar. – Reclamou um dos livros caídos.

– Ora, deviam ser destruídos! São “literatura menor” antiquados e moralistas... Não têm qualquer valor literário, recolhidos da voz do povo, anteriores ao tempo da invenção da imprensa. Sentimo-nos ofendidas de estarem ao nosso lado na estante 8! Nem na estante 3 da Tradição popular!... Deita tudo fora! – Desdenharam as outras obras literárias.

– Correção: surgiram no século XVII quando as crianças passaram a serem

vistas como crianças e não como adultos em miniaturas! – Emendou a sábia enciclopédia na estante O.

– Esses livros inúteis, não ensinam os direitos humanos como eu. São histórias antigas, ultrapassadas, em que só o rei é que mandava! Às vezes, decidia mal. No conto “Comida sem sal”, o rei expulsou a filha sem direito a uma justa audiência no tribunal. Não era nada democrático! No artº 21, temos o direito a tomar parte no governo. – Alegou a Declaração dos Direitos Humanos, inchada de importância por conhecer todos os direitos.

– Sim, pelo voto manifestamos a nossa vontade. – Interveio o rapaz vaidoso de saber algo!

– Apaixonei-me pela Pele de Burro e o meu pai, o rei, enviou-a para longe por não ser de sangue real. Sofri tanto com a separação! – Lastimou-se o príncipe na capa de um livro. – O poder do rei era soberano e só podíamos casar com a princesa que o rei escolhesse. – Acusaram os príncipes levantando as cabeças de dentro dos livros.

– Preconceito tão absurdo! Não se manda no coração ou em quem amamos. Diz o artº 16, que o casamento só é válido com o livre consentimento de ambos os nubentes.

– Então e nós, mulheres, sabem como éramos tratadas nos contos? – Reclamou a Rainha.

– Com delicadeza e apresentadas com uma beleza fora de comum! – Riram-se os príncipes.

– Ora, ora... usavam os contos para nos maltratar e diminuir, pois éramos sempre nós quem limpava e fazia as camas! Machistas!... – Queixou-se Branca de Neve atirando o balde, a esfregona e a vassoura ao rapaz que, impávido seguia a disputa sentado no chão.

Divertido, o rapaz enfiou o balde na cabeça, fazendo de conta de capacete de cavaleiro, e da vassoura fez cavalo, agarrando-se aos beijos à esfregona como se ela fosse a Bela Adormecida para a acordar do sono profundo com um beijo de príncipe.

Os livros riram-se... Ouvindo tal algazarra a bibliotecária apareceu, perguntando:

– Que se passa aqui?

– Artº 24: Todo ser humano tem direito a repouso e lazer! – Leu o rapaz, orgulhosamente, uma das páginas da Declaração Universal dos Direitos Humanos ao colocá-la na estante.

– Devias ter lido mais histórias para compreender o que deves ou não deves fazer! Acabavam sempre com uma moral! – Repreendeu a Gramática irrepreensível.

– A moralidade da história era um Direito? – Interrogou-se o rapaz.

E pegando num pano do pó começou a limpar e a corrigir os contos tradicionais: deitou sal na sopa para o rei não expulsar a filha, trocou a maçã envenenada da Branca de Neve por uma bela rosa e ensinou o caminho de regresso a casa aos irmãos João e Maria...

Ao limpar um dos livros, viu na torre uma bonita menina de longa trança a chamá-lo:

– Ajuda-me, tira-me daqui. Têm-me aqui prisioneira.

– Pelo artº 9, não têm o direito de te manterem presa ou detida! – Disse o rapaz. No momento que a ia tirar de lá, alguém fechou o livro, dizendo-lhe:

– Não tens o direito de mudar as histórias a teu belo prazer, os direitos de autor não o permitem, tal como os “3 porquinhos” tinham direito à sua propriedade, o autor tem direito à proteção dos seus interesses morais e materiais. – Esclareceu a bibliotecária.

De seguida, o rapaz passou a limpar apenas a capa para não correr riscos, mas apesar dos avisos da bibliotecária, ao ler o título “3 porquinhos”, sentiu uma vontade irresistível de meter na ordem aquele lobo glutão. Então, pôs-se a gritar para dentro do livro:

– Olha lá lobo, todos temos direito à nossa casa e tu não tens o direito de a destruir!

E fechou o livro sem esperar resposta, mas o lobo ameaçador saltou para fora, gritando:

– Quem és tu para me dizer que tenho de respeitar os outros?

– Vais-me comer como à avó da Capuchinho Vermelho? – Atemorizou-se o rapaz.

– Vontade não me falta, gordinho como és... até deves ser bem saboroso!

– Não achas que fazer sofrer torna os outros infelizes? Tu, lobo, comeste tudo, usurpando tudo só para ti: o lanche que o Capuchinho Vermelho levava no cabaz e, ganancioso, ainda comeste a avozinha! A Capuchinho Vermelho e a avó tinham o direito a não serem atacadas! – Acudiu, em seu socorro, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

– Não me recordes essa triste digestão, foi horrível! Sofri tanto! – Lamuriou-se o lobo.

– Também eu sofro! – Interveio o triste dragão em vias de extinção! – Atacado com lanças e espadas afiadas dos nobres cavaleiros, nem a Defesa dos Direitos dos animais me vale!

– E a tortura cruel da cabra cabrês que, todos os dias, me ameaçava que saltava em cima e me fazia em três, se não fora a formiga salvar-me! – Queixou-se o Coelho Branco.

– Na visita ao meu primo rato, nós ratos, somos sempre perseguidos no campo e na cidade!

– Todos nascem livres e iguais em direitos. Os ataques ao lar, à honra e reputação devem ser apresentados em tribunal, como diz o artº 8! – Informou a sábia Declaração.

Na cabeça do rapaz, muitas interrogações se levantaram:

– Porque é que nas histórias aparece sempre o mal? E os maus estão sempre nas histórias?

A coruja não gostou nada do que ouviu e foi logo avisar a Bruxa Má do Oeste que as bruxas corriam o risco de serem aniquiladas das histórias.

– Não sabem que as histórias têm de ter sempre um vilão? – Berrou a Bruxa Má.

– Cala-te, bruxa malvada, a tua família só faz maldades nas histórias. Expulsaram a Branca de Neve do palácio e quiseram matá-la com a maçã envenenada. Todas as crianças têm direito à vida. – Acusou o rapaz furioso!

– Pensas que só nós, bruxas, fazemos mal? Desumanos são os que deixaram morrer a Vendedora de fósforos! Ninguém lhe deu abrigo. A indiferença pela miséria dos pobres e a sua morte é que é cruel. Todo o ser humano tem direito à segurança social. Além disso, nós bruxas somos retratadas sempre feias e horríveis, enquanto as personagens principais são belas donzelas. Nas histórias, ser mau é sempre feio e ser bom é sempre bonito!

– O Monstro da Bela e o Patinho Feio eram maltratados por serem feios, mas eram bons. O mal existe nas histórias para percebermos os direitos e lutar por eles! – Gritou o rapaz.

A Bruxa Má, enraivecida, voou na sua vassoura, saindo pelo vidro partido da biblioteca. Os livros olharam uns para os outros... o poder de bruxa nunca era bem usado, por isso só poderiam esperar que algo de mau, muito mau, fosse acontecer. E aconteceu!...

Uma enorme tempestade abateu-se no céu e uma enorme ventania agitou-se no ar, fazendo as palavras e personagens voarem pela biblioteca. Era a vingança da bruxa: baralhar tudo!

Quando a bibliotecária chegou, quis saber por que estavam em branco os livros. O rapaz desculpou-se de ambos: da sua má conduta e da Bruxa, com a sua vassoura, apagarem tudo.

- Censurar histórias é tão reprovável como a Bruxa do Mar cortar a língua de Ariel na “Pequena Sereia”, para ficar muda, impedindo-a do seu direito à liberdade de opinião. – Reclamou a bibliotecária, dizendo a palavra mágica dos contos para meter tudo na ordem:

– Abracadabra: Todos os Direitos ao seu lugar!

Conta-se que voltaram a entrar para os seus livros, guardando neles os Direitos de todos!

